



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO- CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES-DLA
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS**

FABIANO DINIZ DOS SANTOS

**FILOSOFIA, AMOR E PRAZER, EM UMA APRENDIZAGEM OU LIVRO DOS
PRAZERES, DE CLARICE LISPECTOR**

**CAMPINA GRANDE
2017**

FABIANO DINIZ DOS SANTOS

**FILOSOFIA, AMOR E PRAZER, EM UMA APRENDIZAGEM OU LIVRO DOS
PRAZERES, DE CLARICE LISPECTOR**

Trabalho de Conclusão de Curso em
Licenciatura Plena em Letras da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Graduado em Letras –
Língua Portuguesa.

Área de concentração: Texto e Discursos.

Orientador: Prof. Dr. Eli Brandão da Silva.

Coorientadora: Prof.^a M.^a Patrícia Valéria
Vieira da Costa.

**CAMPINA GRANDE
2017**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S237f Santos, Fabiano Diniz dos
Filosofia, amor e prazer, em uma aprendizagem ou livro dos prazeres, de Clarice Lispector [manuscrito] / Fabiano Diniz dos Santos. - 2017.
32 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.
"Orientação: Prof. Dr. Eli Brandão da Silva, Departamento de Letras e Artes".
"Co-Orientação: Prof. Me. Patrícia Valéria Vieira da Costa

1. Filosofia 2. Amor 3. Prazer I. Título.

21. ed. CDD 100

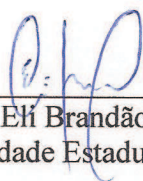
FABIANO DINIZ DOS SANTOS

**FILOSOFIA, AMOR E PRAZER, EM UMA APRENDIZAGEM OU LIVRO DOS
PRAZERES, DE CLARICE LISPECTOR**

Trabalho de Conclusão de Curso em
Licenciatura Plena em Letras da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Graduado em Letras –
Língua Portuguesa.
Área de concentração: Texto e Discursos.

Aprovada em: 02/08/2017.

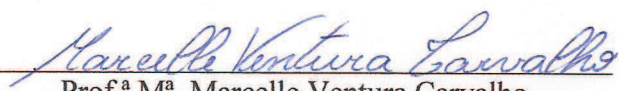
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Eli Brandão da Silva (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Rinaldo José de Andrade Brandão
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.ª M.ª Marcelle Ventura Carvalho
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais, Maria de Lourdes Diniz e José Manoel dos Santos. DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Maria de Lourdes e José Manoel, a minha vó Maria Joventina, por se configurarem como exemplo de força e humildade na minha caminhada acadêmica. O meu muitíssimo obrigado a vocês por terem me dado coragem, abrigo, atenção e incentivos durante todo este percurso. Sou muito grato ao Deus soberano e sublime pelas vossas existências em minha vida.

Aos meus irmãos, Adriano Diniz, Francisco de Assis, José Manoel, Luciano dos Santos, Maria Célia e Sandra dos Santos, cada um se constitui de um modo especial para minha vida. Sempre juntos, irmãos(ãs)!

Agradeço ao professor e Orientador Dr^o. Eli Brandão da Silva pela sua esmera contribuição para o cumprimento desta pesquisa. Sou-lhe grato por se prestar como um estimulador do conhecimento e notável líder no campo das orientações acadêmicas, alguém que tem o meu respeito e admiração. Muitíssimo obrigado.

À Mestra e Coorientadora M^a. Patrícia Valéria Vieira da Costa por me fazer acreditar que por meio da paciência, persistência e da leitura posso projetar e tornar meus sonhos em realidade. Muitíssimo obrigado, amiga Patrícia.

Ao professor Dr. Rinaldo José de Andrade Brandão por ter sido o responsável pelo meu amadurecimento acadêmico. Muito obrigado pelo apoio nos momentos de difíceis decisões.

A professora M^a. Marcelle Ventura Carvalho pelos inúmeros momentos de discussões frutíferas. Admiro muito sua postura crítica no que tange a abstração do conhecimento.

Às minhas amigas-irmãs Hélida Helena e Patrícia Henriques, por sempre me apoiarem durante esses anos de graduação, fazendo com que eu acreditasse no meu potencial e seguisse firme até chegar aqui.

A minha amiga Jane Martins da Silva, pelo apoio e o carinho, apesar de não ser minha irmã de sangue, mas sempre esteve presente em todos os momentos de alegrias e dificuldades, sendo além de amiga uma grande irmã.

A todos os meus amigos de classe, em especial Amanda Oliveira, Elis, Gilson Gonzaga, Jéssica Roberta, Leiliane Thais e Olanda Almeida. Meu muitíssimo obrigado pelas contribuições de sincera amizade e incentivo durante todo o meu percurso estudantil.

Agradeço a todos (as) os professores (as) do Curso de Língua Portuguesa da UEPB, que contribuíram ao longo da minha graduação, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento e finalização desta pesquisa.

“Temos procurado nos salvar mas sem usar a palavra salvação para não nos envergonharmos de ser inocentes”. Clarice Lispector, *in* “Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres”.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 DISCURSO, INTERDISCURSO E HERMENÊUTICA	9
3 FILOSOFIA, AMOR E PRAZER: UMA APRENDIZAGEM	11
3.1 Sobre a filosofia.....	11
3.2 Sobre o amor.....	17
3.3 Sobre o prazer.....	22
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
ABSTRACT	27
REFERÊNCIAS	28

FILOSOFIA, AMOR E PRAZER, EM UMA APRENDIZAGEM OU LIVRO DOS PRAZERES, DE CLARICE LISPECTOR

Fabiano Diniz dos Santos¹

RESUMO: Considerando a possibilidade hermenêutica proveniente dos textos literários, o presente estudo tem por finalidade interpretar o romance *Uma aprendizagem ou o Livro dos Prazeres* (1998), da autora Clarice Lispector. Na esteira desse tipo de pesquisa, objetivamos elaborar as análises conteudista e discursiva que contemplam as possibilidades de identificar a filosofia, o amor e o prazer como temas presentes no romance supradito, permitindo assim que a obra seja interpretada como possibilidade de reflexão existencial. Desse modo, discutiremos esses temas como elementos que, contextualizados, interagem com os discursos no texto literário, no plano do interdiscurso. Para tanto, faremos uso de uma análise interdiscursiva e hermenêutica, à luz de teóricos como Fiorin (2005-1994); Ricoeur (2012) e Maingueneau (1997). Desse modo, observaremos que a obra objeto desse estudo possibilita a interpretação da filosofia, amor e prazer em sua tessitura. Portanto, os resultados de nossa pesquisa se caracterizam pelo discurso heterogêneo advindo da obra analisada. Por esse motivo, os remates aparecem confirmados no verdadeiro diálogo entre filosofia, amor e prazer, relacionado à realidade crítico/analítica do leitor que, em consequência, reconhece a riqueza de sentidos na obra literária.

Palavras-Chave: Hermenêutica. Filosofia. Amor. Prazer.

1 INTRODUÇÃO

A escritora Clarice Lispector (1920-1977), com seu caráter peculiar de escrita introspectiva, contribui com um importante legado para a construção do que podemos chamar de literatura brasileira, sobretudo por sua produção romancista, que mescla confissão, discurso, prosa, poesia, dentre outras instâncias literárias.

Na obra objeto desse estudo, *Uma Aprendizagem ou Livro dos Prazeres* (1998), Clarice Lispector estabelece, através da sua peculiar forma de escrever, uma interessante relação entre filosofia, amor e prazer, temáticas observadas na tessitura da narrativa por diversos motivos. Um deles é, sem dúvidas, a formalização peculiar do texto narrativo, exatamente pela correlação entre a *forma* e o *fazer* poéticos, que podemos observar na escolha

¹ Aluno de Graduação em Língua Portuguesa na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
Email: fabianodiniz@yahoo.com.br

por iniciar o referido romance com o sinal de pontuação *vírgula* (.). Como possibilidade hermenêutica, já somos remetidos à carga semântica que essa possui: houve algo dito, algo que acontecera, que antecede os fatos que ali começarão a ser narrados, existência(s) esperam por ser desvendadas e/ou compreendidas. Em igual maneira, o romance termina com o mesmo “enigma”: o sinal de pontuação *dois pontos* (:), que pela sua carga de sentido amplia as possibilidades interpretativas, já que indica que algo está para começar, ou ao menos continuar. Essa característica Clariceana marca um estilo peculiar de escrita, provocando os moldes literários tradicionais ao ir na contramão de elaborações literárias que necessitem ter início, meio e fim, além de possibilitar uma reflexão de cunho existencialista, já que remete para a progressividade da vida.

Narrado em terceira pessoa, o romance é tecido por um narrador onisciente e onipresente. O discurso indireto livre é utilizado pelo mesmo como forma de aproximar o leitor dos pensamentos, emoções e angústia existencial da professora Lóri. Isto é, este tipo de narrador conhece, narra as ações e está nos fatos e nas mentes dos personagens, inclusive nos momentos de inquietação existencial que envolve as descobertas da filosofia, do amor e do prazer na obra.

Sobretudo em relação ao amor, a escritora convida o leitor a vivenciá-lo a partir de um discurso pautado no ato reflexivo. Para que isso pudesse ser efetivado, há um estabelecimento de inusitadas relações baseadas nas reflexões sobre a realidade emocional, existencial e afetiva dos personagens Lori e Ulisses. Esses nomes, ainda, carregam uma carga semântica que está para além das páginas do romance, está escrita na história, já que fazem referência a culturas e experiências míticas do Alemão e Grego. Lóri figurativamente representa *Loreley*², “uma personagem lendário do folclore alemão, cantado num belíssimo poema por Heine” (LISPECTOR, 1998, p. 98). Já Ulisses configura um herói da mitologia grega presente no canto XII da *Odisseia*, de Homero, que na obra é recriado, curiosamente, por meio do Ulisses professor de filosofia.

Esses e outros elementos constituintes do tecido narrativo instigam diversos questionamentos, tais como: Como se define a relação, na obra, entre filosofia, amor e prazer por meio das personagens de Lori e Ulisses? Quais os mecanismos discursivos utilizados que identificam essa relação e que contemplam as características da filosofia, do amor e do prazer

² A história de Loreley teve como precursor poético o alemão Christian Johann Heinrich Heine (1797-1856), em sua obra “O Livro das Canções” *Buch der Lieder* (1826). Alguns de seus poemas foram musicalizados por Friedrich Silcher (1789-1860). *Die Loreley* (1826) narra a belíssima lenda da sereia Loreley, uma ninfa feiticeira de belos cabelos longos que rouba a razão dos pescadores por meio do seu inebriante canto, arrastando-os para o encontro com a morte no fundo do mar. (Cf. SILVA, 2008, pp. 1-6).

na literatura Clariceana? A obra constitui, por meio de balizes hermenêuticas, elementos linguísticos/extralinguísticos que podem motivar criticidade em seus leitores?

Com base nesses questionamentos, a presente pesquisa tem por finalidade compreender/identificar a filosofia, o amor e o prazer, na obra *Uma Aprendizagem ou Livro dos Prazeres* (1998), de Clarice Lispector, de modo a analisar os elementos discursivos peculiares a um estilo de profunda reflexão existencial. O processo de análise/interpretação se dará por meio da leitura do romance supracitado, procurando identificar na escrita de Clarice Lispector suas características intimista, introspectiva e metafórica, que se relacionam como elementos de contraste e analogia peculiares à uma linguagem existencialista.

Por meio disso, interpretaremos a obra tornando visíveis os seus aspectos estruturais, composicionais e estilísticos apoiados nas contribuições elegidas como aspectos específicos da análise, como as proposituras sobre o discurso e interdiscurso de pensadores como Dominique Maingueneau (1997).

A partir da heterogeneidade discursiva encontrada, verificaremos as categorias analíticas filosofia, amor e prazer como unidade da manifestação semiótica que rejeita o autoritarismo da interpretação única.

Ao final da pesquisa, observaremos e interpretaremos a pluridiscursividade na obra literária como um aprofundamento dialogal de linguagem, e neste esforço crítico, procuraremos evidenciar que a organização dessa escrita caracteriza um sistema literário discursivo harmonioso, ou seja, um depósito de abordagens discursivas acrescido de contingências subjetivas e analíticas.

Por fim, a partir das reflexões apresentadas, acreditamos que as discussões feitas justificam a importância de desenvolvermos essa pesquisa, de modo a considerar a literatura como um repositório e/ou engendradora de novos sentidos e conhecimentos. Ademais, essa pesquisa poderá colaborar para o aprofundamento da fortuna crítica da escritora Clarice Lispector.

2 DISCURSO, INTERDISCURSO E HERMENÊUTICA

Maingueneau (1997) afirma que o espaço discursivo “delimita um subconjunto do campo discursivo, ligando pelo menos duas formações discursivas que, supõe-se, mantêm relações privilegiadas, cruciais para a compreensão dos discursos considerados” (p. 117). Isto é, as formações exteriores e interiores de um discurso relacionam-se e ganham sentido,

instaurando o sujeito num determinado espaço discursivo através destas materialidades linguísticas e históricas do discurso.

Em *Uma Aprendizagem ou Livro dos Prazeres* (1998), a partir de uma análise crítica, há uma mesclagem de aparato textual linguístico/extralinguístico que envolve os pensamentos filosófico, teológico e literário e que nos servirão de suporte para o entendimento do romance, essa como uma tessitura eficiente de significados e constitutiva de sentidos no texto e que, como nos assegura Olga de Sá (1993, p. 304), “coloca o leitor em confronto com uma realidade nova, ‘opaca’, que não pode ser compreendida, em relação a seu horizonte de expectativa”.

Sobre isso, Brait apud Kristeva (2006, p.163) defende que:

Todo texto constrói-se, assim, “como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto” (Idem, p. 440). Em sua leitura da obra de Bakhtin, Kristeva identifica discurso e texto: “O discurso (o texto) é um cruzamento de discursos (de textos) em que se lê, pelo menos, um outro discurso (texto)”.

Desta maneira, compreendemos que a potencialidade das relações dialógicas no enunciado acontece a partir de mecanismos (locutores, personagens, sintáticos, semânticos e conjuntos de figuras) distintos, que estabelecem entre si relações. Analisar esses aspectos constitutivos nos imputa o conhecimento hermenêutico, processo fundamental para quem procura interpretar uma obra literária. Prática utilizada desde a antiguidade clássica, a hermenêutica surge como método interpretativo e mediador entre os conhecimentos na nossa pesquisa.

A partir de Platão que nos aproximamos deste conceito. A hermenêutica consistia no método interpretativo das mensagens divinas. Assim, os oráculos, em uma atividade alheia, transmitiam as mensagens dos deuses aos homens³. Dessa forma, observamos que essa atividade figurava, na perspectiva platônica, um conhecimento dito por outro sujeito, ou seja, uma interpretação restrita a imitação alheia.

Partindo desse preceito Aristóteles vai além. Para o filósofo grego; a atividade hermenêutica diz respeito a um ato natural do ser, ou seja, uma capacidade própria do humano de interpretar e questionar o mundo⁴. Uma reflexão semelhante é a proposta pelo filósofo Hans-Georg Gadamer, ao afirmar que “a hermenêutica é, pois, algo mais que método das ciências ou um distintivo de um determinado grupo de ciências. Designa, sobretudo, uma

³ (Cf. GADAMER, 2002, pp. 162-165).

⁴ Ibidem. pp. 164-165.

capacidade natural do ser humano” (GADAMER, 2002, p. 350). Porém, aqui não nos deteremos à origem da hermenêutica e sim à sua abordagem crítica utilizada para elaboração desta pesquisa.

Outros autores como Sigmund Freud, Jean Grondin e Ricoeur também discutiram sobre a hermenêutica. O filósofo canadense Jean Grondin diz que a hermenêutica é a “arte, de âmbito universal e universalizante, de interpretar os sentidos das palavras, das leis, dos textos e de outras formas de interação humana [...]” (GRONDIN, 1999, p. 9). Isto é, a operação analítica/reflexiva advinda da correlação de sentidos que prefiguram a interpretação subjetiva/intersubjetiva do sujeito perante o objeto em análise.

Ricoeur (1990), filósofo francês, defende que “a hermenêutica é a teoria das operações da compreensão em sua relação com a interpretação dos textos” (RICOEUR, 1990, p. 17). Para o autor, todo texto traz consigo outros discursos, instaurando e/ou recriando outro repleto de heterogeneidade simbólica. O indivíduo (sujeito/ser leitor), ao reconhecer os mecanismos de linguagem como saberes conexos, concomitantemente discursará sobre seu objeto.

É neste sentido, segundo Ricoeur (1990, p. 22), “que se realiza o projeto mesmo de uma hermenêutica. Trata-se de atingir a subjetividade daquele que fala, ficando a língua esquecida. A linguagem torna-se, aqui, o órgão a serviço da individualidade”. Assim, entendemos por função hermenêutica o ato reflexivo subjetivo e voluntário do sujeito sobre sua linguagem, ou seja, a interpretação de sentido oculto no aparente, no dito e/ou não dito. Portanto, compreende-se que “o saber de cada um a respeito do mesmo objeto é diferente, porque é condicionado pelo ponto de vista em que cada um se coloca para aprendê-lo, escutá-lo, analisá-lo” (FIORIN, 1994, p.18).

Os teóricos acima colaboram à prestabilidade do método crítico/analítico escolhido para o encaminhamento dessa pesquisa, com intuito de transformar o pensamento de sujeitos vinculados a sua realidade cotidiana e pragmática em indivíduos pensantes, capazes de formular seu próprio senso crítico da realidade.

3 FILOSOFIA, AMOR E PRAZER: UMA APRENDIZAGEM

3.1 A filosofia na Aprendizagem ou O livro dos Prazeres.

Seguindo o caminho da história de amor entre Lóri e Ulisses, do romance *Uma aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*, vemos que Clarice Lispector desprende do estilo de

linguagem tradicional, e opta por expor, através da sua escrita peculiar, uma visão própria de pensar/interpretar os fatos que o sucedem o mundo. Por isso, tendo em vista a análise desse romance, é plausível destacar que esta produção literária propõe o estabelecimento de um princípio analítico/interpretativo como fundamento necessário para o desenvolvimento do seu clímax, através dos discursos pertinentes a filosofia e a literatura. A obra, dessa maneira, estabelece a relação entre filosofia e literatura através de fatos do cotidiano vivenciados pelas personagens de Lori e Ulisses. É por meio desse desafio que emerge um novo modo de ver o mundo, adequado ao novo tipo do agir e/ou refletir do humano focado para um tipo de sujeito atuante dentro da esfera social, mediante uma relação de aprendizagem desse mesmo sujeito com as coisas que lhe são externas.

Com isso, o romance coloca o leitor num âmbito que diz respeito ao seu modo de interpretar o/no mundo, ou seja, estabelece um cuidado afetivo. Vejamos este trecho:

“— Aposto que você era a primeira da turma. Ela se surpreendeu: — Como é que você sabe? — É que suas colegas também estavam ocupadas em viver, e você, para não sofrer, deve ter se dedicado encarniçadamente ao estudo. Aposto também como você é das melhores professoras da escola. — Pelo mesmo motivo? perguntou sombria.” (LISPECTOR, 1998, p. 92).

A partir do fragmento citado, podemos perceber que o diálogo entre Lóri e Ulisses está ancorado ao ato interpretativo da existência da professora, desta forma, o romance serve como parâmetro norteador não apenas para reflexão, mas também para o raciocínio e aprendizagem de um conhecimento mais subjetivo do ser humano. Observamos ainda:

Estava caindo numa tristeza sem dor. Não era mau. Fazia parte, com certeza. No dia seguinte provavelmente teria alguma alegria, também sem grandes êxtases, só um pouco de alegria, e isto também não era mau. Era assim que ela tentava compactuar com a mediocridade de viver. (LISPECTOR, 1998, p. 75).

O texto estabelece uma posição ontológica que essencialmente faz a personagem Lóri retomar a sua consciência existencial, fator primordial para filosofia existencialista⁵ em relação ao sujeito pensante. Em vista disso, nos deparamos com o discurso filosófico no romance. Para que haja mudança nos fatos corriqueiros é necessário que a personagem se

⁵ Uma linha de pensamento filosófica com foco na existência, valorizando a liberdade individual de cada ser pensante. Vale salientar que esta corrente pensa como o modo de ser próprio do homem enquanto é um modo de ser no mundo. Em análise é, portanto, a análise das situações mais comuns ou fundamentais em que o homem vem a encontrar-se. Seus principais precursores Martin Heidegger com *Ser e Tempo* (1927), Friedrich Nietzsche *Além do Bem e do Mal* (1886), Jean-Paul Sartre *O Existencialismo é um humanismo* (1946) etc. (Cf. ABBAGNANO, 2007. pp. 402-406).

responsabilize quanto a sua existência, criando, dessa forma, métodos especulativos para questionar a realidade que a cerca, com o objetivo de atingir o máximo possível de respostas plausíveis ao seu entendimento. Muitas vezes, a protagonista Lori se percebe com grande dificuldade em fazer o percurso do conhecimento de si, já Ulisses, por seu constante contato com a filosofia, incentiva Lóri no ato reflexivo.

Lóri, professora primária, que aos poucos na narrativa, por meio de um jogo filosófico e intelectual, está aprendendo a viver, a amar e a ter prazer com Ulisses, por meio das constantes motivações que esse propõe a ela. Ulisses incentiva Lóri ao ato reflexivo, tornando-a herdeira desse processo de esclarecimento de si e do mundo. Dessa maneira, Lóri está em constante busca pelo saber e é por meio de seus momentos epifânicos (atitude que analisaremos mais adiante) que notamos a filosofia presente na obra, indicando o estado de espírito da personagem como um ser que deseja o conhecimento de si.

Mas era tarde: ela já ansiava por novos êxtases de alegria ou de dor. [...]. Suportaria tudo. Contanto que lhe dessem tudo. Não. Ninguém lhe daria. Tinha que ser ela própria a procurar ter. [...]. Seu anjo da guarda a abandonara. Era ela mesma que tinha que ser sua própria guardiã. E tinha agora a responsabilidade de ser ela mesma. Nesse mundo de escolhas, ela parecia ter escolhido (LISPECTOR, 1998, p. 75).

No fragmento acima, a força dramática da filosofia na obra se configura na busca da realização pessoal de Lóri. O que torna esse trecho ainda mais filosófico é o fato de que essa busca é pautada na oposição de forças: ela quer tudo, porém tem ciência de que não o terá. Esse embate dificulta a concretude de um encontro de si, mas propõe, em contrapartida, a apreensão de que essas ações estimulam a busca por esse mesmo encontro, o que, possivelmente, estimula a reflexão, inclusive, do próprio leitor. É o que Massaud Moisés (2004, p. 281) entende por metaficção “[...] a ficção que pensa a si própria dentro do texto em que se desenvolve, obedecendo a um impulso de auto desvendamento, como se o autor, desdobrado num “Outro”, se espionasse no ato de construir o edifício narrativo [...]”, de modo que a obra assume uma posição, singular, a respeito do seu próprio desenvolvimento narrativo. Assim, o romance, diante da relação entre realidade e ficção, incorpora novas possibilidades de expor o mundo, colocando o leitor numa posição subjetiva, advinda de atos reveladores e reflexivos presentes no texto.

Inicialmente, a obra procura atrair e direcionar seu leitor, por meio das personagens de Lóri e Ulisses, para uma experiência de alteridade⁶, desta forma, colocando-o como parceiro de sua obra, de modo a fazer com que esse leitor possa sentir e/ou acompanhar o romance pela sua ótica. Percebe-se, também, que o texto é constituído por determinados fatos do cotidiano que se desdobram e entrelaçam como num processo de raciocínio e reflexão, ou seja, é a partir desses fatos banais que nos aproximamos desses personagens. Notadamente, observamos aqui uma produção literária sensível em termos de percepção de mundo. Neste sentido, ao longo do percurso do romance, podemos detectar elementos centrais que podem justificar a filosofia na obra, como por exemplo, o encontro de Lori com o mar. Num discurso metafórico, vemos o encontro de dois mundos misteriosos que, embora distintos, se compreendem, ou seja, duas realidades que, à primeira vista, motivam a refletir sobre a natureza racional das coisas. Notemos.

Aí estava o mar, a mais ininteligível das existências não-humanas. E ali estava a mulher, de pé, o mais ininteligível dos seres vivos. [...] Ela e o mar. Só poderia haver um encontro de seus mistérios se um se entregasse ao outro: a entrega de dois mundos in-cognoscíveis feita com a confiança com que se entregariam duas compreensões (LISPECTOR, 1998, p. 78).

Aqui, parece evidente a relação entre realidade e ficção, fortemente ancorada na revelação do real na linguagem da arte, admitindo a intromissão dos fragmentos, não-humana e humana, mar e mulher, com o objetivo de aproximar duas realidades incognoscíveis, o ser e o objeto, o homem e as coisas que o cerca.

O homem é movido muito mais por questões do que propriamente por respostas. É no desvelar deste universo humano, diversificado e complexo, que a obra dialoga com a filosofia. A todo o momento nossas inquietações nos fazem parar e refletir sobre os acontecimentos do cotidiano e do mundo de uma maneira geral. Questionar é algo inerente ao ser humano, e o fazemos desde o momento em que dominamos um código linguístico e dele passamos a fazer uso para explorar nossas dúvidas. Nesse sentido, o inquietante ato reflexivo filosófico de Lóri sobre a sua existência, a busca do sentido de amar Ulisses e o prazer em que intrinsecamente se permutam as abstrações do absurdo e/ou não absurdo, são elementos fundamentais para a tessitura da narrativa. Por isso é conveniente entender que o texto faz insurgir questões como a angustia de estar vivo, o amor, o prazer e a morte, o diálogo com o invisível etc.,

⁶Do conceito de alteridade valemos da concepção Plotiniana ao defender que o intelecto como emanção de uma unidade absoluta do primeiro Princípio é ao mesmo tempo pensante e pensado, sendo assim marcado pela alteridade. Portanto, ser outro, colocar-se ou constituir-se como outro (Cf. ABBAGNANO, 2007. pp. 34-35).

aparentemente simples, mais que são questionamentos fundamentais para decodificarmos a filosofia em *Uma aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*.

Estes questionamentos são ativados no momento em que Lori se depara em situações que exigem um posicionamento diferente, fugindo do convencional. É com muito vigor e clareza que a professora mostra a sua busca pela auto-compreensão. Não se trata, de forma nenhuma, de uma postura distanciada e neutra ou até mesmo erudita em relação ao mundo que ela pertence, pelo contrário, Lóri tenta se compreender na medida em que se questiona. Vejamos este trecho:

Eu existo, estou vendo, mas quem sou eu? E ela teve medo. Parecia-lhe que sentindo menos dor, perdera a vantagem da dor como aviso e sintoma. Estivera incomparavelmente mais serena porém em grande perigo de vida: podia estar a um passo da morte da alma, a um passo desta já ter morrido, e sem o benefício de seu próprio aviso prévio. No seu susto telefonou para Ulisses. E o empregado dele disse-lhe que ele não estava. Então de quinze em quinze minutos, desenfreados nela o medo e a dor, ela telefonava. Até que duas horas depois, ele mesmo atendeu o telefone: — Ulisses, não encontro uma resposta quando me pergunto quem sou eu. Um pouco de mim eu sei: sou aquela que tem a própria vida e também a tua, eu bebo a tua vida. Mas isso não responde quem sou eu! (LISPECTOR, 1998, pp. 131-132).

Lóri quer o ponto inicial sobre o qual possa dar sentido a sua vida, e esse querer é o próprio significado da sua existência. Embora a professora, em seus momentos de profunda reflexão, tenha recorrido ao seu amado Ulisses na tentativa de aprender sobre o seu Eu, não sentia que neste requisito este lhe fosse suficiente. “- Isso não se responde, Lóri. Não se faça de tão forte perguntando a pior pergunta. Eu mesmo ainda não posso perguntar quem sou eu sem ficar perdido” (LISPECTOR, 1998, p. 132). Logo, o que podemos depreender disso é a busca incansável da personagem Lóri por uma verdade não questionável, ou seja, de um princípio único, uma certeza inquestionável que supra a dúvida de tudo, inclusive as de sua própria existência.

O romance constitui uma forma peculiar de representação de mundo e estilo. Se para muitos é incômodo pensar sua própria existência, para Lori, pelo contrário, pensar a sua existência é uma centelha de luz.

Dessa maneira, a professora primária provoca uma espécie de monólogo, no qual diálogos consigo própria são constantemente praticados na tentativa de não aderir a uma reflexão vazia de significados, não se restringindo apenas às respostas prontas, cuja principal função é familiarizar-se com um conformismo homeopático existencial. Destarte, Lori procura compreender e/ou apreender a sua existência por meio da auspiciosa atividade

reflexiva acerca das coisas oriundas do mundo. É justamente nesse processo reflexivo que conseguimos identificar a filosofia Clariceana como uma possibilidade real e pertinente de aprendizagem, pautada na oportunidade de questionar o mundo e as coisas que o cerca.

Ainda do ponto de vista existencial, discurso pertinente à filosofia, Lori instala-se na crise de compreensão do seu próprio Eu, mas de um Eu que, na tentativa de compreender-se, sofre. Nesse sentido, é a tarefa mais difícil da personagem, conhecer-se. Assim, a obra desvenda a frenética angústia do homem, conhecer a si mesmo.

De Ulisses ela aprendera a ter coragem de ter fé — muita coragem, fé em quê? Na própria fé, que a fé pode ser um grande susto, pode significar cair no abismo, Lóri tinha medo de cair no abismo e segurava-se numa das mãos de Ulisses enquanto a outra mão de Ulisses empurrava-a para o abismo — em breve ela teria que soltar a mão menos forte do que a que a empurrava, e cair, a vida não é de se brincar porque em pleno dia se morre. A mais premente necessidade de um ser humano era tornar-se um ser humano (LISPECTOR, 1998, p. 32).

Com os exemplos citados, podemos notar que a personagem Lóri, principalmente no construto de reflexões oportunizadas por seu contato com o professor Ulisses, elabora uma relação com a sua existência, já que procura, por meio da busca de si, compreender o mundo, o amor, e as relações que dele são oriundas. Por meio desta linha de raciocínio a obra dialoga com o leitor, fazendo uso da metalinguagem, questionando o próprio discurso, como por exemplo no fragmento acima mencionado, com intuito de, através da produção de sentidos, adentrar ao universo literário da obra e no seu ato reflexivo questionar a si mesmo.

Seguindo o pensamento de Lóri, gozamos de um imperativo do existir. Com base nessa perspectiva, o imperativo está intrinsecamente figurado na exigência de si. “Mas sua busca não era fácil. Sua dificuldade era ser o que ela era, o que de repente se transformava numa dificuldade intransponível” (LISPECTOR, 1998, p. 128). Por esse motivo, embora recorresse a seu amado, ela sabia que tal procura alhures seria inútil. Dessa forma, sua ação reflexiva é quase uma expressão de ordem heurística e natural, “quem sou eu?” (LISPECTOR, 1998, p. 131). Em outras palavras, a personagem manifesta essa investigação progressivamente, à medida que vai se relacionando consigo mesma, com o mundo, e de forma intensa, inevitável e harmoniosa com o seu amado Ulisses.

O romance *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, assim, se apresenta como um instrumento de acesso imaginativo da realidade. Desta forma, o texto literário possui uma fonte inesgotável, da qual várias áreas do conhecimento estão contidas, como por exemplo a filosofia na categoria existencial que aqui analisamos. Partindo desse entendimento, fica

totalmente esclarecido a reflexão filosófica na obra de Clarice, ao utilizar o texto literário como repositório para cumprimento especulativo da realidade humana.

Dessa forma, devemos ressaltar, no entanto, que “é essencial a uma obra literária, a uma obra de arte em geral, que ela transcenda suas próprias condições psicossociológicas de produção e que se abra, assim, a uma seqüência ilimitada de leituras, elas mesmas situadas em contextos sócio-culturais diferentes.” (RICOEUR, p. 53, 1990).

Não se quer afirmar, com isso, que seja tarefa fácil analisar a filosofia a partir das personagens de Lóri e Ulisses, mas em fazer com que este texto literário seja abraçado pelo leitor, na perspectiva dele perceber, na sua estrutura composicional, o cruzamento dos conhecimentos numa série de discursos mutáveis/imutáveis e ilimitados entre as personagens.

Oportunamente, a fim de dar continuidade a nossa pesquisa, nosso foco estará voltado para as instâncias: da filosofia, amor⁷ e prazer. Pretendemos, agora, verificar o amor na obra *Uma aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*, com intuito de apresentar esta forte inclinação claramente abstrata e intuitiva na obra, representada pela intensa relação conflituoso-harmoniosa entre Lóri e Ulisses.

3.2 Sobre o amor

Para tratar do amor em *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, mergulhamos na intimidade do universo feminino de Lóri, se desdobrando ao cotidiano, ao intrinsecamente feminino, à epifania e o processo de transformação dessa personagem. É nessa perspectiva que Ulisses, personagem secundária, espera por sua amada, desta forma ele, no decorrer do romance, lança sutilmente algumas sugestões e questionamentos como uma forma de instruir Lóri para o autoconhecimento, na medida em que se conhece, estará pronta para seu amado. “[...] Lóri: uma das coisas que aprendi é que se deve viver apesar de. Apesar de, se deve comer. Apesar de, se deve amar. Apesar de, se deve morrer. Inclusive muitas vezes é o próprio apesar de que nos empurra para a frente”(LISPECTOR, 1998, p. 26). O texto atenta para uma poética ontológica o que sugere o caráter processual da aprendizagem do amor.

⁷**AMOR:** Do latim *amore*. Emoção, sentimento de um indivíduo que deseja o bem a outro. Seus significados na linguagem comum são múltiplos, díspares e contrastantes; igualmente múltiplos, díspares e contrastantes são os que se apresentam na tradição filosófica. Os gregos pensaram o amor como sendo uma força unificadora e harmonizadora. Segundo Aristóteles, Hesíodo e Parmênides foram os primeiros a defender que o amor é a força que move todas as coisas, de modo que as una e as mantenham juntas. Com a ascensão do cristianismo, o conceito de amor entendeu-se ao próximo. Na perspectiva teológica, segue-se uma especulação dualista platônica, mas retomando o sentido de reciprocidade entre o homem e Deus (Cf. ABBAGNANO, 2007. pp. 38-43).

O romance faz, implicitamente, referência aos sentidos míticos Alemão e Grego. Lóri figurativamente representa *Loreley*, “um personagem lendário do folclore alemão, cantado num belíssimo poema por Heine. A lenda diz que Loreley seduzia os pescadores com seus cânticos e eles terminavam morrendo no fundo do mar, já não me lembro mais de detalhes” (LISPECTOR, 1998, p. 98). E Ulisses, professor de filosofia, ao canto XII da *Odisseia* de Homero, que narra os feitos heróicos de uma personagem também chamada *Ulisses*. O Ulisses de Homero, herói lendário da mitologia grega, não se deixa ser seduzido pelas sereias e as vence evitando ouvir o seu canto encantador. Já o Ulisses de *Uma Aprendizagem ou Livro dos Prazeres*, diferentemente, é quem seduz sua amada Lóri, através do ato filosófico da aprendizagem de si, como podemos exemplificar por meio do trecho a seguir:

Não, não me olhe com esses olhos culpados. Em primeiro lugar, quem seduz você sou eu. Sei, sei que você se enfeita para mim, mas isso já é porque eu seduzo você. E não sou um pescador, sou um homem que um dia você vai perceber que ele sabe menos do que parece, apesar de ter vivido muito e estudado muito (LISPECTOR, 1998, p. 98).

A especulação sobre o amor rompe com certo tipo de noção literária dos moldes canônicos, ligada a um tipo de subjetividade egocêntrica, para acentuar a reciprocidade intimista entre o EU (sujeito) e o TU (outro). Em desencontro, Abbagnano (*Apud* Sartre, 2007, p. 48) defende que o amor “é a tentativa ou, mais exatamente, o projeto de realizar a unidade ou a assimilação entre o eu e o outro. Essa exigência de unidade ou de assimilação é, por parte do eu, a exigência de que ele seja para o outro uma totalidade, um mundo, um fim absoluto”. Dessa forma, para que se exista o amor alguém tem que se objetificar. É o que podemos notar no fragmento acima. Lóri se enfeita para Ulisses com a intenção de seduzi-lo e, dessa forma, ela se objetifica, ao colocar seu amado no patamar de sujeito que deseja um objeto. Embora tenha ocorrido o contrário, a ideia segue com o mesmo sentido, o EU que em sua totalidade é um fim absoluto para o TU.

O amor no romance se configura como em um ato de espera e descoberta assemelhando-se ao autoconhecimento, ou seja, na medida em que Lori tenta desvendar seu próprio eu, pensa na mesma intensidade em se descobrir pronta para Ulisses.

Já tinha sido desejada por outros homens mas era novo Ulisses querendo-a e esperando com paciência — mesmo quando estava embriagado, o que não lhe tirava o controle — e esperando com paciência que ela estivesse pronta, enquanto ele próprio dizia de si mesmo que estava em plena aprendizagem, mas tão além dela que ela se transformava em ínfimo corpo vazio e doloroso, apenas isso.(LISPECTOR, 1998, p. 41)

Nesse sentido, o professor de filosofia, Ulisses, espera por sua amada. Aqui, fazemos referência à Penélope da *Odisséia* de Homero⁸, a amada do herói Ulisses. Observemos o fragmento seguinte retirado do livro XVII da *Odisséia* (2009, pags. 193-194).

“Ceava o herói; na câmara entre as servas
 Desabafa Penélope, e chamado,
 Ao bom pastor ordena: “Eumeu divino,
 Aqui venha teu hóspede informar-me,
 Pois ter parece errado pelo mundo,
 Se viu, se há novas do sofrido Ulisses”.

Nessa passagem, fica evidente o zelo de Penélope pelo seu marido Ulisses. Durante aproximadamente vinte anos da ausência de seu amado, pelo motivo da Guerra de Tróia, Penélope mantém-se fiel ao seu marido na espera ansiosa do seu retorno. Enquanto isso, Penélope tece incansável e interminavelmente sua tela a espera do seu esposo. Já o Ulisses da obra é quem está à espera de sua amada, e é através do jogo da aprendizagem de si que o amante a espera pronta para se relacionar com ele, e conseqüentemente pronta para o amor.

A obra se preocupa com o interior das personagens, ou seja, “[...] as personagens clariceanas jogam seus destinos, evidenciando-se’ por uma súbita revelação interior que dura um segundo fugaz como a iluminação instantânea de um farol nas trevas e que, por isso mesmo, recusa ser apreendida pela palavra” (SÁ, 1979, p. 39). Nessa súbita revelação interior, destacamos, aqui, o fenômeno epifânico clariceano, um momento revelador, excepcional e determinante a que se submetem suas personagens.

Esse momento epifânico pode ser percebido no episódio em que Lóri morde a maçã. Esse episódio faz referência ao “O relato do paraíso”⁹, que, por sua vez, faz menção à história de Adão e Eva e ao fruto proibido. Não é nossa pretensão, aqui, atentarmos para um estudo minuciosamente atrelado às reflexões teológicas, mas chamamos atenção do leitor ao desafio de tentar unir a literatura e a religião com base na escrita literária e, conseqüentemente, refletir

⁸ Ver livro disponível no site: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/odisseiap.html>.

⁹ Ver BÍBLIA – Bíblia de Jerusalém. **O relato do paraíso**. São Paulo: Paulus, 2002, pp. 37-39.

possíveis discursos através da real conexão dos aspectos extralinguísticos da língua que instaura a pluridiscursividade e interdiscursividade do texto.¹⁰

Maingueneau (1997), ao refletir sobre a Análise do Discurso (AD), evidencia seu objeto de estudo, o discurso, como um elemento essencial de conexão entre os aspectos linguísticos e extralinguísticos da língua, como por exemplo, a heterogeneidade textual que marca essas características como formas de compreensão. Assim, o indivíduo é o espaço constituído por vários discursivos, por meio do qual língua se configura como processo semântico histórico. É o que notamos em “O relato do paraíso”, em que se revela a interdiscursividade com o texto teológico. Para tanto, voltemos ao momento epifânico de Lóri:

Foi no dia seguinte que entrando em casa viu a maçã solta sobre a mesa. Era uma maçã vermelha, de casca lisa e resistente. [...]. E era como se visse a fotografia de uma maçã no espaço vazio. Depois de examiná-la, de revirá-la, de ver como nunca vira a sua redondez e sua cor escarlate — então devagar, deu-lhe uma mordida. E, oh Deus, como se fosse a maçã proibida do paraíso, mas que ela agora já conhecesse o bem, e não só o mal como antes. [...]. Era o começo — de um estado de graça. Só quem já tivesse estado em graça, poderia reconhecer o que ela sentia. [...]. As descobertas naquele estado eram indizíveis e incomunicáveis. (LISPECTOR, 1998, pp. 134-135)

O momento acima relatado é o momento crucial de Lóri, da descoberta de si, e, por conseguinte, o clímax epifânico e metafísico da obra literária. “Esse ‘momento privilegiado’ não precisa ser ‘excepcional’ ou ‘chocante’; basta que seja ‘revelador, definitivo, determinante’” (SÁ, 1979, p. 165). Dessa forma, a mordida na maçã, como alegoria do espaço discursivo, desvenda o processo de aprendizagem decisivo que exige uma escolha final pelo qual a personagem tende a transitar entre o amor e o prazer, o proibido e a culpa em amar. Isto é, Lóri está pronta para amar, viver intensamente o amor e, por fim, pronta para Ulisses. Esse é o momento de epifania, uma súbita sensação de compreensão das coisas atingidas, pelas cargas semânticas no texto, ou que estão por atingir, ou seja, no sentido mais puro da palavra: uma revelação.

Porém, estaria Lóri pronta para o amor? Pronta para saber quem ela era? “— Não encontro ainda uma resposta quando me pergunto: quem sou eu? Mas acho que agora sei:

¹⁰ Ver ASSIS, Machado de. *Obra Completa: Adão e Eva*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar 1994. v. II. Neste conto, embora, Machado de Assis demonstre sua aversão pela Religião, faz uso da história de Adão e Eva levantando questões teológicas que irão de encontro ou desencontro à realidade da condição humana. Machado com intuito de vislumbrar o horizonte religioso, nos propicia, por meio de elementos opostos (sagrado/profano); luz/trevas); (transcendente/realidade) etc., um diálogo crítico-filosófico-teológico nos fornecendo possibilidades reflexivas de união entre a literatura, filosofia e teologia.

profundamente sou aquela que tem a própria vida e também a tua vida. Eu bebi a nossa vida (LISPECTOR, 1998, p. 158). Embora não tenha encontrado resposta para decifrar seu próprio enigma existencial, Lóri compreende que sua vida cumpria e fundia-se a do seu amado Ulisses, essa é a descoberta do outro, um reconhecimento que penetra a subjetividade da personagem. “Sobre isso, Santana apud Schopenhauer (1967, p. 14), relatou que ‘não pode existir um amor intenso sem que haja a completa harmonia entre dois seres’” (2015, p. 6).

É bom destacar, nesse sentido, que pensar o amor implica pensar a existência de Lóri e Ulisses, pois tanto o amor quanto a existência entre ambos estão intrinsecamente ligados, visto que na relação amorosa destas personagens o enigma da existência os conduz para o amor, embora a própria existência seja fruto do amor, aqui entendido como amor sexual.

Portanto, para o leitor, Lóri deve desvendar o enigma de sua existência e reconhecer o seu instinto filosófico como um elemento impulsionador para o amor. Desse ponto de vista, a completa harmonia entre os amantes dependerá, própria e exclusivamente, do autoconhecimento de Lóri que refletindo sobre o problema da sua existência aprenderá o caminho para viver e amar.

Não era à toa que ela entendia os que buscavam caminho. Como buscava arduamente o seu! E como hoje buscava com sofreguidão e aspereza o seu melhor modo de ser, o seu atalho, já que não ousava mais falar em caminho. Agarrava-se ferozmente à procura de um modo de andar, de um passo certo. [...] Mas também sabia de uma coisa: quando estivesse mais pronta, passaria de si para os outros, o seu caminho era os outros. Quando pudesse sentir plenamente o outro estaria salvo e pensaria: eis o meu porto de chegada. Mas antes precisava tocar em si própria, antes precisava tocar no mundo (LISPECTOR, 1998, pp. 56-57).

O romance projetou em Lóri a certeza de que o objeto de iluminação do seu espírito para o amor está ancorado ao ato reflexivo de si e do mundo ao seu redor. Ao analisarmos o texto, notamos em seu bojo, aspectos que caracterizam a relação do Eu e o mundo, ou seja, o indivíduo e o seu meio social. Concluimos, portanto, que o amor em *Uma Aprendizagem ou Livro dos Prazeres* configura-se na arte da aprendizagem entre as personagens de Lóri e Ulisses.

Cada indivíduo, ao ler o romance, abstrairá questionamentos externos e internos com sentidos complexo ou simples que depois encontrar-se-ão ancorados um ao outro, de modo que nesse processo de aprendizagem o EU unir-se-á ao TU tornando-se o NÓS, na tentativa de explicar o inexplicável, de alcançar o inalcançável, o amor. Por fim, no subtópico seguinte,

para a conclusão de nossa pesquisa, discutiremos sobre o Prazer¹¹: como encontrar de forma precisa este estado afetivo na obra e como se dá seu desfecho e envolvimento a partir dos monólogos dialogais das personagens.

3.3 Sobre o prazer

Em *Uma Aprendizagem ou Livro dos prazeres* a preocupação não está apenas em contar uma história de romance, e sim fazer com que o leitor possa vivenciar a história de Lóri e Ulisses. A singularidade do texto coloca o leitor em uma fase de isolamento interior, o qual procura transpor as raias da ficção literária para atmosfera do cotidiano humano. É neste sentido que exporemos como o prazer se apresenta no romance. Vejamos o seguinte trecho:

E ele, antes de ela acabar a frase, por si próprio já notara a acha apagada, homem seu que ele era, e já estava aticando-a com o ferro. [...]. Com a mão direita ele segurava o ferro que fazia as flamas crescerem. [...] Ela conhecia o mundo dos que estão tão sofredamente à cata de prazeres e que não sabiam esperar que eles viessem sozinhos. [...] a busca do prazer, nas vezes que tentara, lhe tinha sido água ruim: colava a boca e sentia a bica enferrujada, de onde escorriam dois ou três pingos de água amornada: era a água seca (LISPECTOR, 1998, p. 106).

O prazer no romance não é algo externo ao personagem, feito para fora, e sim uma experiência interna atrelada a elementos da natureza, o que leva a professora Lori a uma aproximação mais íntima e reveladora do seu ser. Dessa forma, a obra utiliza dos elementos da natureza como ferro (figura que remete ao falo de Ulisses), flamas (chamas), ferrugem, água e seca para delimitar, por meios de recursos antagônicos, o sentido e a significação do prazer para Lori. Assim, Ulisses fazia despertar o prazer em Lori, essa força natural e

¹¹**PRAZER:** Do latim *Piacere*. Sentimento que constitui os tons fundamentais de qualquer tipo ou forma de "emoção". Na tradição filosófica, o prazer tem um significado diferente de felicidade, mesmo quando ligados, o prazer constitui o indicio de um estado ou condição particular ou temporário de satisfação humana, já a felicidade é um estado constante mais duradouro. O filósofo Aristóteles soube claramente aproximar um conceito sobre o prazer, de modo a utilizava os conceitos platônicos. Para Aristóteles, o prazer é o ato de um hábito conforme a natureza humana, sendo assim, é preciso lembrar que esse hábito significa uma disposição constante. Segundo Telésio, o prazer é aquilo que favorece para conservação do organismo, ou seja, um sentimento empírico que busca a harmonia orgânica do ser. Defende Spinoza, ainda na perspectiva aristotélica, que a alegria é a paixão da qual a mente se eleva a uma perfeição transcendente. Hobbes definia o prazer como função biológica ligada ao coração. Segundo o filósofo Nietzsche, o prazer é a sensação de maior potência do ser humano.

Por fim, Schopenhauer entende o prazer como simplesmente a sensação da dor, de modo que só pode ser conhecido e sentido pela faculdade da razão, por meio da lembrança do sofrimento ou da privação passada do sujeito (Cf. ABBAGNANO, 2007. pp. 786).

motivadora, que ao buscar em outros homens não obteve êxito. Isso porque para sua amada, o que importava era o que ela sentia e como sentia:

Não, ela não se referia ao fogo, referia-se ao que sentia. O que sentia nunca durava, acabava e podia nunca mais voltar. Encarniçou-se então sobre o momento, comia-lhe o fogo interno, e o fogo externo ardia doce, ardia, flamejava. Então, como tudo ia acabar, em imaginação vivida, pegou a mão livre do homem, e em imaginação ainda, ao prender essa mão entre as suas, ela toda doce ardia, ardia, flamejava (LISPECTOR, 1998, pp. 106-107).

A grande nau que Lori tende a pilotar é a nau do seu interior. Se ela está procurando uma saída para suas inquietações, essa saída não está fora, e sim dentro, perto das suas turbulências.

A personagem só consegue fazer esse trajeto pelo uso do conhecimento que aclara sua vida interior, retirando daí seus obscurantismos e fazendo, a partir dos elementos da natureza, com que ela se posicione e compreenda a sua dimensão interior. Por conseguinte, o prazer se apresenta no romance como essa força particular da satisfação humana e que só pode ser experimentado da maneira mais espontânea, natural e reveladora possível, a partir do interno do indivíduo, assemelhando-se, na perspectiva da obra, com os elementos da biosfera, visando colocar o cosmo como também espontâneo, natural e revelador, próximo ao humano. Por isso, tendo em vista o prazer como algo natural em Lóri, sua aproximação com esse cosmo revela sua motivação particular para o sentir e entender a si. Por isso, é diante da amplidão do campo especulativo sobre a consciência de si da personagem que a obra faz o leitor encontrar na literatura a certeza de que o prazer reformula a sua visão poético-literária, pois o convida a contracenar com sua obra, de modo a relacionar o metaficcional com o real. Podemos inferir, então, que por detrás dos diálogos e das reflexões sobre a vida que permeiam os discursos de Lori e Ulisses, se acha presente o prazer, embora, este seja característico da natureza humana.

No sentido do texto, o prazer se apresenta fortemente em cada personagem, com o caráter peculiar e intersubjetivo, impulsionando conscientemente o desejo entre os amantes e o interesse de estarem juntos por meio do processo de aprendizagem do autoconhecimento, explorado pela natureza racional desses seres.

Quanto a ela, lutara toda a sua vida contra a tendência ao devaneio, nunca deixando que ele a levasse até as últimas águas. Mas o esforço de nadar contra a corrente doce havia tirado parte de sua força vital. Agora, no silêncio em que ambos estavam, ela abriu suas portas, relaxou a alma e o corpo, e não soube quanto tempo se passara pois tinha se entregue a um

profundo e cego devaneio que o relógio da Glória não interrompia (LISPECTOR, 1998, p. 151).

A obra apropria-se de elementos paradoxalmente planejados, de moda a instaurar a relação entre ficção e realidade. Assim, Lori luta contra as investidas filosóficas de Ulisses, na tentativa solitária de descobrir-se. É por meio das figuras de linguagem que Clarice invoca dois espaços: um físico, o quarto, e outro que transcende esse, o interior da mulher. Nesses espaços, o eu poético mostra que Ulisses só pôde conhecer o interior dessa mulher a partir da contemplação reflexiva e cautelosa própria das suas ações que suficientemente traz à tona o ser real de Lori. “Pois só agora eu me chamo "Eu". E digo: eu está apaixonada pelo teu eu” (LISPECTOR, 1998, p. 151).

Neste jogo contemplativo/reflexivo que é mais do interior do que do exterior das personagens, o texto adentra e introduz um jogo erótico e prazeroso, ou seja, ápice do ato sexual que, de maneira prazerosa, é desvelado na obra através dos discursos compartilhados entre os amantes. Desta forma, a amante é atraída por seu amado, tornando-se objeto de desejo, deixando a possibilidade de ser percorrida por dentro do seu interior.

A caracterização externa metaforicamente plasmada pelas ondas do mar, assunto que discutiremos mais adiante, não é recusada, pois serve como objeto reflexivo de Lori em busca do seu eu. Concomitantemente, a tensão entre o mar e a mulher, recursos linguísticos bem engendrados dentro e fora das personagens, sugere esses dois espaços, ambos apontando para uma interpretação paradoxalmente repleta de significados.

Entendemos, com a citação acima, que as reflexões acerca do romance procuram apresentar o prazer como uma força dialogal, a qual, na tomada de consciência de cada personagem individualizado, busca a reciprocidade deste estado afetivo. A partir dessa concepção, o prazer ganha uma força simbólica com conexões subjetivas internas e externas, estabelecendo um novo sentido desprendido do senso comum, ou seja, o prazer para personagem Lóri não se constrói apenas no contato físico, mas também através da linguagem em contato com a natureza. O fragmento a seguir, em face dessa ideia, revela iniciando os primeiros passos da existência autêntica de seu prazer.

Existe um ser que mora dentro de mim como se fosse casa dele, e é. Trata-se de um cavalo preto e lustroso que apesar de inteiramente selvagem — pois nunca morou antes em ninguém nem jamais lhe puseram rédeas nem sela — apesar de inteiramente selvagem tem por isso mesmo uma doçura primeira de quem não tem medo: come às vezes na minha mão. [...] Aviso também que não se deve temer o seu relinchar: a gente se engana e pensa que é a gente mesma que está relinchando de prazer ou de cólera, a gente se assusta

com o excesso de doçura do que é isto pela primeira vez". Ela sorriu. Ulisses ia gostar, ia pensar que o cavalo era ela própria. Era? (LISPECTOR, 1998, pp. 28-29).

A personagem Lóri se une à natureza e põe em evidência a sua preocupação de fazer parte dela. Assim sendo, essa união lhe ajuda no processo de autoconhecimento e da sua auto realização.

Quanto ao conjunto de signos que podem ser interpretados na alegoria acima, entendemos que as expressões linguísticas relacionadas ao cavalo desempenham um papel importante para nosso sistema conceitual a respeito do prazer. Lóri, no princípio, diz ter um cavalo selvagem “preto e lustroso” dentro de si, o qual ora é plácido, ora tempestivo, mas que não se deve ter medo. Aqui, a representação da mulher é única, plasmada pela masturbação feminina representada metaforicamente. Este enunciado metafórico é entendido, desta forma, graças ao seu sistema linguístico, o qual é evidenciado através da linguagem.

Embora essa metáfora seja motivada pela experiência física (contato com o outro, o mundo e a natureza), caracteriza-se, aparentemente, como simples, ou seja, um indivíduo que em contato com o mundo físico, por meio de seus sentimentos internos, (re)significa suas experiências externas, as quais conseqüentemente tornam-se simultâneas e complexas. Se considerarmos o enunciado “Ela sorriu. Ulisses ia gostar, ia pensar que o cavalo era ela própria. Era?” (LISPECTOR, 1998, p. 29), temos uma mulher que precisa ser domada, amada, compreendida, e o seu prazer necessita ser experimentado e compartilhado. Desta feita, a figura do cavalo é inseparável de Lóri, o cavalo é Lóri. De forma mais geral, temos aqui uma magnitude de interpretações complexas da experiência interna/externa do mundo físico.

Outro momento que podemos discutir sobre o prazer em *Uma Aprendizagem ou Livro dos Prazeres* é a ida de Lóri à praia. Neste episódio, podemos notar o prazer físico, mas que envolve o contato com a natureza, o mundo interno e externo da personagem e, supostamente, sua relação sexual com seu amado Ulisses. Quando o prazer se intensifica, Lóri entra em um jogo de sentimentos que a torna partícipe da natureza. O prazer, nesta perspectiva, se torna a mais pura relação intelectual entre Lóri, a natureza e Ulisses.

Lóri olhava o mar, era o que podia fazer. [...] Vai entrando. [...] O sal, o iodo, tudo líquido deixam-na por uns instantes cega, toda escorrendo — espantada de pé, fertilizada. [...] E era isso o que estava lhe faltando: o mar por dentro como o líquido espesso de um homem. Mergulha de novo, de novo bebe mais água, agora sem sofreguidão pois já conhece e já tem um ritmo de vida no mar. Ela é a amante que não teme pois que sabe que terá

tudo de novo. [...] Como contra os costados de um navio, a água bate, volta, bate, volta. A mulher não recebe transmissões nem transmite. [...] Às vezes o mar lhe opõe resistência à sua saída puxando-a com força para trás, mas então a proa da mulher avança um pouco mais dura e áspera. (LISPECTOR, 1998, p. 78-81).

Nessa narração Lóri, ao entrar no mar, supera o medo de se conhecer. Esse vasto elemento misterioso se une à professora, e no processo de autoconhecimento penetra na opacidade da essência humana, permitindo ser amada por Ulisses. Uma construção de tensão sexual que dá forma ao prazer no romance, expressada significativamente como algo simbólico e não meramente um contato físico (ato sexual). Assim, mais uma fonte inesgotável de conhecimento e aprendizagem de si, do corpo, do outro e da natureza.

Por que a obra de Clarice Lispector (1998) relaciona o prazer de suas personagens com a natureza? Por que a natureza? Para responder tais questionamentos recorreremos ao romance entre Lóri e Ulisses. A procura da identidade de Lóri abre margem à filosofia existencial, a qual decorre da arte de aprender as coisas externas e internas do ser. O amor é fruto dessa aprendizagem pautada nas questões empíricas e transcendentais que se relacionam com a personagem. E a relação entre o prazer e a natureza segue a ideia de harmonia, de modo que a natureza, sendo misteriosa e harmoniosa, busca se apresentar de forma mais casta e fértil. Sendo assim, o prazer em *Uma Aprendizagem ou Livro dos Prazeres* busca, por meio da natureza, unificar-se a essa ideia, mostrando ser belo, suave, misterioso, conflitante, agradável, prazeroso e busca conhecer-se por meio da experiência.

Dessa forma, o prazer, está atrelado ao autoconhecimento da subjetividade dos protagonistas Lóri e Ulisses, através de uma sabedoria vinculada à reflexão/crítica do cotidiano dos mesmos. Para construção dessa subjetividade, a professora e o professor utilizam do caminho da linguagem dialógica na tentativa de encontrar em si as respostas que se refugiam em seus interiores.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que em *Uma Aprendizagem ou Livro dos Prazeres*, a escrita Clariceana busca entrever mecanismos interdiscursivos que mesclam as categorias de análise, filosofia, amor e prazer. Nesta perspectiva, Clarice Lispector busca sempre caracterizar as relações discursivas/interdiscursivas por meio desses elementos, tematicamente metaforizados e

incorporados no pensamento de suas personagens, objetivando a descoberta do seu próprio EU.

Para discutir melhor essa questão, fizemos uso dos diálogos monológicos da personagem Lóri, já que esses tentavam relacionar o seu mundo externo ao interno, de modo a circunscrever sua trajetória através do processo de autoconhecimento e/ou aprendizagem, com o intuito de desvencilhar-se do entorpecimento da realidade cotidiana.

Na busca pela verdade, a personagem Lóri, a partir da experiência do autoconhecimento, passa a representar simbolicamente o ser humano, com suas inquietações e questionamentos que envolvem o confrontar-se e o desvendar-se no mundo que o rodeia. Neste sentido, o romance *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* apresenta a filosofia partindo do ato reflexivo que circunda e envolve o entendimento do homem no mundo e, dessa forma, fica aclarado a reflexão filosófica que permeia a obra de Clarice.

A compreensão da verdade, por meio do ato filosófico, alcança a vida amorosa das personagens Lóri e Ulisses, posto que, por meio do encontro de ambos, a obra apresenta o amor como a arte da aprendizagem e revelação entre os amantes. O que move Lóri é conhecer-se para finalmente estar pronta para Ulisses, o qual estabelece um vínculo afetivo por meio da dimensão de completude de sua amada. Percebe-se que tanto Lóri quanto Ulisses não dissociam o pensar, o refletir, o raciocinar do amar, entregar-se e revelar-se.

O prazer, na perspectiva Clariceana, conseqüentemente, gera-se também da possibilidade do autoconhecimento, mais especificamente da subjetividade das personagens vinculadas à natureza do mundo. É importante perceber a relação íntima entre Lóri e Ulisses que ultrapassa o contato físico humano. Não há motivo para sentir o prazer sem antes atrelá-lo às percepções reflexivas que forjam a subjetividade de cada amante. Em especial a professora Lóri, na qual a autora referencia o prazer como idôneo às estruturas cognitivas da própria natureza do mundo.

Portanto, a filosofia, o amor e o prazer, na perspectiva da obra analisada, se caracterizam pelo discurso heterogêneo mesclado e enxertado nas personagens. Clarice promove um verdadeiro diálogo entre a filosofia, pelo limiar de uma angústia existencialmente humana; o amor no sentido de aprendizagem; e o prazer, relacionado com a natureza; para uma realidade crítico/analítica, na constante tentativa de exprimi-lo e relacioná-lo ao contexto literário.

ABSTRACT: Considering the possibility of hermeneutics coming from literary texts, this study aims to interpret the novel "*Uma aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*" (1998), author Clarice Lispector. In

the wake of this type of research, we aim to elaborate the content and discursive analyzes that contemplate the possibilities of identifying philosophy, love and pleasure as themes present in the novel above mentioned, thus allowing the work to be interpreted as a possibility for existential reflection. In this way, we will discuss these themes as contextualized elements that interact with the discourses in the literary text, in the interdiscourse plane. To do so, we will make use of an interdiscursive and hermeneutical analysis, inspired by theoreticians like Fiorin (2005-1994); Ricoeur (2012) and Maingueneau (1997). In this way, we will observe that the work object of this study makes possible the interpretation of philosophy, love and pleasure in its texture. Therefore, the results of our research are characterized by the discourse heterogeneous from the perspective of the work analyzed. For this reason, the shots appear confirmed in the true dialogue between philosophy, love and pleasure, related to the reality critical/analytical reader that, in consequence, recognizes the wealth of meaning in the literary work.

Keywords: Hermeneutics. Philosophy. Love. Pleasure.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ASSIS, Machado de. *Obra Completa: Adão e Eva*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar 1994. v. II

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: Introdução a Filosofia**. 3ed. São Paulo: Moderna, 2003.

AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. São Paulo: IBEP, 2012.

BRAIT, B. Outros Conceitos-Chave. In:_____. (Org.). **Interdiscursividade e intertextualidade**. São Paulo: Ed. Contexto, 2006. p. 161- 193.

BÍBLIA – **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002, pp. 37-39.

LISPECTOR, Clarice. **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LALANDE, André. **Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FERNANDES, J.O **existencialismo na ficção brasileira**. Goiânia. Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1986.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do Discurso**. São Paulo: Editora Contexto, 1994.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método II – complementos e índices**. Trad. de Enio Paulo Giachini. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

GRONDIN, Jean. **Introdução a Hermenêutica Filosófica**. São Leopoldo. Unisinos, 1999.

HEIDEGGER, Martin. **SER E TEMPO**. 15ª ed. Petrópolis: VOZES, 2005.

MAGEE, Bryan. **História da Filosofia**: 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. 2 ed. Campinas: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12 ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

RICOEUR. Paul. **Interpretação e Ideologias**. 4 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

SÁ, Olga de. **A escritura de Clarice Lispector**. Petrópolis: Vozes, 1979.

MARX, Karl. **O Capital**. Livro I: O Processo de Produção do Capital. Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1996.

SANTANA, Franksnilson Ramos. **Aspectos filosóficos em composições de Ricardo Arjona quanto à manifestação paradoxal do Amor eros**: Artigo de Programa de pós-graduação em literatura e interculturalidade pela Universidade Estadual da Paraíba – Campina Grande-PB, 2015, pp. 1-17.

SILVA, Teresinha V. Zimbrão da Silva. **Mito em Clarice Lispector**: XI Congresso Internacional da ABRALIC: *Tessituras, Interações, Convergências*. USP – São Paulo, Brasil, 2008. pp. 1-6.

HOMERO. *Odisséia*. Trad. Manoel Odorico Mendes. São Paulo: Versão para eBook. eBooksBrasil, 2009. <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/odisseiap.html> Obtido em 11/01/217.